AS CAMADAS DE UMA DESDÊMONA: CORPO, PROCESSO COLABORATIVO E DRAMATURGIA FEMINISTA

Scarlleti Silveira Matias, Maria Brígida de Miranda

INTRODUÇÃO

Nesta comunicação, Scarlleti Silveira Matias, bolsista de Iniciação Científica (PROBIC/AF), propõe refletir sobre o processo colaborativo na dramaturgia feminista, a partir da experiência de montagem de *Conversas de Coxia*, de Lucia Sander, desenvolvida no Projeto de Pesquisa Curarte – Práticas Cênicas para o Bem Viver: estudos de gênero e feminismos nas Artes da Cena (CNPq/UDESC), coordenado pela Dra. Maria Brígida de Miranda. A obra de Sander revisita personagens femininas de William Shakespeare, reciclando suas histórias e deslocando os destinos que lhes foram impostos, abrindo espaço para que essas mulheres possam ocupar outros lugares e imaginar novas possibilidades para suas próprias narrativas.

Entre essas personagens está Desdêmona, cuja trajetória, na obra *Otelo, o mouro de Veneza* (1603) de Shakespeare, é marcada pelo amor, pelo ciúme e pela violência em sua morte. Em *Conversas de Coxia*, essa personagem é retirada de seu destino trágico e novamente colocada em cena, trazendo possibilidades para outras construções. É a partir desse movimento de retomada e transformação que esta pesquisa se pergunta: o que acontece com uma personagem quando ela passa de um corpo para outro? Para pensar essa questão, a pesquisa acompanha o processo de construção da Desdêmona inicialmente realizado por Ariane Landa e, posteriormente, por mim, Scarlleti Silveira. Embora partam da mesma personagem e da mesma dramaturgia, os corpos, experiências e racialidades produzem relações diferentes com essa figura.

O trabalho tem como objetivo refletir sobre o caráter colaborativo e processual da dramaturgia feminista, considerando a cena como um espaço no qual personagens, textos e histórias podem ser revisitados, negociados e reinventados. Esta investigação também dialoga com meu percurso acadêmico, especialmente com meu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual investigo a presença de corpos femininos adoecidos, atravessados por questões hormonais na cena teatral, e também parte de experiências vivenciadas pela pesquisadora em diferentes contextos teatrais. A participação na produção e como ouvinte no FIK 2025 e na VII Mostra Rosa Teatral, ambos realizados pela UDESC, contribuíram para a construção das reflexões aqui apresentadas, especialmente no que se refere às relações entre corpo, gênero, feminismos e criação teatral.

DESENVOLVIMENTO

Minha aproximação com o processo de criação de *Conversas de Coxia* ocorreu desde os primeiros encontros de pesquisa, em 2024, quando ingressei como bolsista voluntária. Estar presente desde o início possibilitou acompanhar e vivenciar diferentes etapas da pesquisa e da criação cênica, participando de práticas, exercícios e experimentações, além de acompanhar ensaios, discussões e apresentações. Sob orientação das professoras Maria Brígida de Miranda, Tereza Franzoni, Tefa Polidoro, Zilá Muniz e Daiane Dordete, e em

diálogo com os demais integrantes do grupo, pude [1]acompanhar a construção das cenas sem estar inicialmente vinculada a um papel específico. Eu estava dentro do processo, participando de sua construção, mas ainda não ocupava a cena.

Para compreender o processo de montagem de *Conversas de Coxia*, é necessário retornar à Desdêmona criada por Shakespeare. Em *Otelo*, sua trajetória é marcada pelo amor, pelo ciúme e pela violência, culminando em sua morte. É justamente esse destino já conhecido que Lucia Sander retoma e desloca ao revisitar as personagens femininas de Shakespeare. Em *As mulheres de Shakespeare recicladas: recriações paródicas*, Sander (2019) propõe uma espécie de reciclagem dessas personagens, deslocando-as de seus destinos originais e abrindo espaço para outras possibilidades de existência e narrativa. A partir dessa dramaturgia, o processo colaborativo de montagem desenvolvido na pesquisa Curarte passa a produzir novas camadas para essas personagens. A cena de Desdêmona, inicialmente construída por Landa, tornou-se, para esta pesquisa, um campo especialmente potente para observar como diferentes corpos e experiências podem transformar a construção cênica de uma personagem já escrita. A primeira apresentação da cena ocorreu na Casa Odara, no centro de Florianópolis, durante uma festa de celebração da 13º edição *do Seminário Internacional Fazendo Gênero.* Posteriormente, a cena foi reapresentada no Espaço 2 do CEART/UDESC, durante o mesmo evento. Para mim, essas apresentações marcaram um momento importante dentro do processo: eu continuava participando das práticas e acompanhando os ensaios, mas passava também a observar como a montagem da cena experimentada em sala ganhava forma diante do público. A Desdêmona que eu havia acompanhado nascer já carregava as marcas de diferentes encontros: Shakespeare, Sander, Ariane, a direção e o próprio coletivo. Meses depois, a saída de Landa do elenco provocou uma nova configuração para a cena de Desdêmona. Por ter acompanhado o processo desde seu início e memorizado as falas a partir da observação dos ensaios e das apresentações, assumi o papel ao lado de Geane Salazario Albino. O que até então eu havia acompanhado de perto passou então a ser experimentado pelo meu próprio corpo. Essa passagem não significou simplesmente substituir uma atriz por outra e reproduzir uma personagem já construída. Minha Desdêmona não se constituiu como reprodução daquela anteriormente criada, mas veio com uma nova camada sobre uma dramaturgia já existente. Essa diferença também passa pelos corpos que ocupam a personagem. Landa é uma atriz negra, e eu sou uma atriz branca, assim embora partamos da mesma Desdêmona e da mesma dramaturgia, não chegamos a essa personagem a partir do mesmo lugar. Nossos corpos são atravessados por experiências sociais e raciais distintas, que também podem produzir diferentes relações com a personagem, com sua história e com aquilo que é colocado em cena. As cenas circularam por diferentes espaços e momentos, sendo apresentada no *XIV SPAC (Seminário de Pesquisa em Artes da Cena*, na UDESC, em Florianópolis, e no *Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler (FIK 2025)*, em Laguna, evento o qual também estive na produção, participando de oficinas, e assistindo outras peças. Em maio de 2026, retornou ao CEART/UDESC para uma nova apresentação no CEART Aberto. Cada apresentação produziu novas experiências e possibilidades para a cena, fazendo com que a personagem continuasse em movimento. O que havia sido construído nos ensaios era novamente

[1]Esta obra é resultado do Projeto de Pesquisa Curarte – Práticas Cênicas para o Bem-Viver: Estudos de Gênero e Feminismos nas Artes da Cena (Processo CNPq nº 407191/2023-2), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Brasil), e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio da Chamada CNPq/MCTI nº 10/2023 – Universal, Faixa A – Grupos Emergentes.

atravessado pelo encontro com o público, pelo espaço e pelas condições de cada apresentação. E o corpo que antes observava o processo tornou-se também parte daquilo que era investigado.

RESULTADOS

O acompanhamento do processo de montagem de *Conversas de Coxia* evidenciou que uma dramaturgia já existente pode ganhar novas camadas a partir dos corpos, experiências e escolhas envolvidos em sua construção cênica. A passagem entre os corpos de Ariane, mulher negra, e Scarlleti, mulher branca, permitiu perceber como diferentes experiências e racialidades podem atravessar a relação com uma mesma personagem, sem determiná-la por completo. A montagem se aproxima de uma perspectiva de teatro feminista ao colocar em questão as formas tradicionais de representação das mulheres e possibilitar que diferentes corpos e experiências participem da construção dos sentidos da cena. Como aponta Brum (2026), ao reunir textos de Maria Brígida de Miranda, as práticas feministas nas artes da cena articulam reflexão, prática e processos criativos, compreendendo o fazer teatral também como espaço de produção de conhecimento. Ao perceber as transformações produzidas pela passagem de Desdêmona entre diferentes corpos, o processo reforçou meu interesse em investigar como as experiências corporais das mulheres interferem em suas possibilidades de presença e criação na cena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de montagem de *Conversas de Coxia* deslocou minha compreensão sobre o que significa construir uma personagem em um processo colaborativo. Ao atravessar diferentes posições: participante, pesquisadora e atriz, percebi que pesquisar a cena também é deixar-se transformar por ela. A Desdêmona que encontrei ao entrar em cena não era apenas a personagem de Shakespeare ou de Lucia Sander, nem somente aquela construída anteriormente por Ariane: era também resultado do encontro entre essas camadas e a experiência do meu próprio corpo. Revisitar uma história já contada pode ser também uma forma de produzir outras possibilidades para aquilo que parecia encerrado. Nesse movimento, a prática feminista aparece não apenas como tema, mas como uma forma de produzir e transformar a própria cena.

Palavras-chave: dramaturgia feminista; processo colaborativo; teatro político; Desdêmona; *Conversas de Coxia*.

ANEXOS



Figura 1: *Integrantes do CURARTE Práticas Cênicas para o Bem Viver: estudos de gênero e feminismos nas Artes da Cena (CNPq/UDESC), assistindo e dirigindo a cena 2 de Conversas de Coxia. Em ordem estão: Tefa Polidoro, Scarlleti Silveira, Jackson Bosa, Zilá Muniz, Ricky Neto e Gisely Moura Argolô. Foto por Geane Salazario Albino.*



Figura 2: *Desdêmona e Cordélia em Conversas de Coxia, apresentado no XIV SPAC (Seminário de Pesquisa em Artes da Cena). Atrizes: Scarlleti Silveira e Geane Salazario Albino. Foto por Gisely Moura Argolô.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Daiani (org.). **Introdução às travessias feministas nas artes da cena:** uma reunião de textos de Maria Brígida de Miranda. Florianópolis: Praxila, 2026.

SANDER, Lucia V. **As mulheres de Shakespeare recicladas:** recriações paródicas. Brasília, DF: Lucia V. Sander, 2019. Disponível em: https://sites.google.com/view/mulhereswomenshakespeare. Acesso em: 26 ago. 2026.

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Otelo, o mouro de Veneza.** Tradução de Marilise Rezende Bertin. São Paulo: Martin Claret, 2014.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler – FIK 2025: programação. Florianópolis: UDESC, 2025. Disponível em: https://www.udesc.br/fik2025/programacao. Acesso em: 28 ago. 2026.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Udesc anuncia programação da 7ª Mostra Rosa Teatral com apresentações e oficinas. Florianópolis, 2 out. 2025. Disponível em: https://www.udesc.br/noticia/udesc_anuncia_programacao_da_7__mostra_rosa_teatral_com_apresentacoes_e_oficinas. Acesso em: 28 ago. 2026.